PASTORAL DOS MIGRANTES

PEREGRINOS DA RESISTÊNCIA

Maria Aparecida de Moraes Silva *

"A preservação e a valorização do patrimônio espiritual exigem a conservação da cultura étnica: religião e pátria se completam nesta obra de amor e de redenção. A Pastoral dos Migrantes deve ter presente este princípio. Tanto os missionários, quanto as Igrejas de acolhida devem respeitar a identidade cultural e a religiosidade própria do migrante" (Scalabrini, 1989, 373).

Em 1987, durante a realização de uma de minhas pesquisas com trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto/SP, estabeleci os primeiros contatos com a Pastoral dos Migrantes, em Dobrada/SP, que havia sido criada em 1985, muito embora desde 1983, seus missionários já estivessem presentes nesta cidade. Desde então, os contatos se multiplicaram por meio de diálogos, trocas de informações, participação e organização de eventos, pesquisas e muitas outras formas de colaboração. Durante este tempo, vi passar por Dobrada e, mais tarde, Guariba (hoje sede da Pastoral), muitos agentes - padres, freiras, além dos leigos - que realizaram um trabalho importantíssimo em favor dos Migrantes Sazonais, provenientes de várias regiões do país, sobretudo daquelas mais pobres, para o trabalho nos canaviais, cafezais e laranjais paulistas.

Neste ano, por ocasião das comemorações do centenário da morte de Dom João Batista Scalabrini, o Fundador das Congregações Escalabrinianas Missionários e Missionárias de São Carlos, recebi o convite para escrever a respeito da minha percepção sobre o trabalho desenvolvido pela Pastoral dos Migrantes - setor dos temporários.

O papel desempenhado pelos Missionários não pode ser caracterizado como meramente assistencialista. Muito ao contrário. Sempre lutaram em defesa dos direitos desta população excluída de direitos e cidadania. Enfrentaram duros embates com os poderosos, com os donos de grandes usinas e fazendas; percorreram alojamentos, pensões de migrantes espalhados por estas imensas áreas de cana do interior paulista. Muitas vezes, enfrentaram ameaças, advindas dos representantes dos proprietários. Em outras tantas, saíram em defesa dos

migrantes escravizados, por meio de denúncias à Promotoria Pública.

Por outro lado, desenvolvem também o trabalho de conscientização nos locais de origem dos migrantes. Procuram acompanhar a saga de milhares de homens, mulheres e crianças, que todos os anos deixam seus lares e partem em busca de trabalho, esperança e utopias. O Boletim Cá e Lá, publicação da Pastoral, reflete o acompanhamento da caminhada, do vaivém que é permanentemente temporário dos migrantes ao longo dos anos.

Na condição de professora e pesquisadora, aprendi e continuo aprendendo com a práxis da Pastoral, baseada no conhecimento e no respeito às pessoas. Práxis, que não se traduz pela imposição de idéias àqueles, supostamente, considerados ignorantes e não portadores de consciência política ou religiosa. Porém, práxis construída a partir das necessidades, valores e desejos dos sujeitos envolvidos no processo de migração. Práxis libertadora, cuja matéria-prima é a experiência de cada um.

Uma análise sociológica do trabalho da Pastoral dos Migrantes – Setor Temporários – exige alguns cuidados relativos ao próprio ofício que ora desempenho, a saber, o ofício de sociólogo, segundo as célebres lições de Wright Mills. Cabe-me ressaltar que a preocupação não se circunscreve nos limites estreitos da ideologia, pois minha função enquanto assessora da Pastoral durante todos estes anos tem sido conduzida pela autonomia intelectual e pelas exigências éticas da pesquisa. É evidente que as pressupostas neutralidade ou objetividade não existem nas pesquisas sociais. Contudo, a inserção do pesquisador numa determinada realidade social precisa ser orientada pela *vigilância epistemológica*, para que o mesmo não

se torne meramente porta-voz dos grupos sociais com os quais está envolvido. Trata-se de um verdadeiro desafio, pois as relações criadas no momento da pesquisa não são apenas ditadas pela racionalidade do conhecimento abstrato.

Elas são imbuídas de elementos racionais e também emocionais, pois se partilha da idéia de que razão e emoção não são dicotomias, porém faces de uma mesma moeda, na qual *a emoção fecunda a razão*. Portanto, relações de afeto, amizade, solidariedade são nutrientes para o conhecimento, sem contar que o objeto das ciências sociais não é o estudo de coisas objetivadas, porém seres humanos, dotados de corpo físico e imaterial, aí englobando os sentimentos, os símbolos, as crenças religiosas, as representações, o imaginário, os mitos. Assim sendo, a análise pretendida não será a de alguém *de fora, mas de dentro* da realidade retratada. Outrossim, o sujeito pesquisador deve se movimentar no espaço social, ora entrando, ora saindo do mesmo, a fim de que a diversidade e a complexidade da realidade estudada sejam percebidas.

A fim de dar conta desta proposta proponho a análise de três momentos significativos da caminhada da Pastoral: a) os primeiros tempos relativos ao papel desempenhado pela CPT, por meio do padre Bragheto, cuja participação político-religiosa foi extremamente importante para a definição dos rumos da futura Pastoral dos Migrantes; b) a solidificação da Pastoral em torno da figura do migrante temporário; c) a atuação nos dias atuais.

AS PRIMEIRAS SEMENTES

Em julho de 1983 as Irmãs Inês Facioli e Gregoria Roman Oliva,

missionárias Scalabrinianas chegaram à cidade de Dobrada com a finalidade de iniciar um trabalho sócio-pastoral junto aos trabalhadores rurais e os migrantes cortadores de cana. À época, o Pároco era o Padre José Domingos Bragheto, diocesano que já vinha atuando, em nível de Diocese, junto a CPT (Comissão Pastoral da Terra), como coordenador regional. Quanto ao setor paroquial, o trabalho abrangia também o município de Santa Ernestina. A atuação da CPT compreendia outros municípios da Diocese, como Guariba, Barrinha, Pitangueiras, Jaboticabal e Bebedouro, entre outros. Juntamente com o Padre Bragheto as missionárias realizaram visitas e celebrações nos alojamentos da Usina Bonfim, situada na região, além de idas aos locais de trabalho durante a colheita da laranja, cana e amendoim com as turmas dos caminhões. Ademais, participaram de reuniões com o Sindicato de Dobrada e dos Encontros da CPT na região. Em janeiro de 1984, a paróquia de Dobrada ficou sob responsabilidade das Missionárias por motivo de transferência do Padre Bragheto¹.

O processo de consolidação dos trabalhos da equipe de Missionários permitiu a criação da Pastoral dos Migrantes em defesa dos trabalhadores sazonais ou temporários. É importante salientar que a Pastoral surge no bojo do movimento de trabalhadores rurais, denominados bóias-frias, cuja maior resistência culminou nos anos de 1984 e 1985 durante as denominadas Greves de Guariba.

Em junho de 1989 realizei uma entrevista com o Padre Bragheto em São Paulo². Nesta ocasião, ele já não estava mais atuando na região de Ribeirão Preto/SP. Foi possível recuperar por meio de seu longo relato, os primórdios de seu envolvimento com os trabalhadores rurais, bem como seus desdobramentos e seu

desencantamento em relação à atitude da Igreja Católica ao tomar a decisão de sua transferência para São Paulo. Nos limites deste texto, não é possível reproduzir a íntegra de sua narrativa, contudo seu testemunho se constitui num subsídio extremamente importante para a memória e a história dos trabalhadores rurais *vis-à-vis* a construção social da consciência de classe e também de gênero.

Ainda muito jovem, recentemente ordenado padre, Bragheto em 1975 deu início a sua atuação religiosa em Bebedouro/SP. Em 1979, a convite de um padre da CPT participou de uma reunião com Carlistas e, desde então, foi despertado para as questões sociais. Em seguida foi transferido para Santa Ernestina, e depois para Dobrada, duas cidadezinhas habitadas majoritariamente por trabalhadores rurais, migrantes de várias regiões do país. Os campos - religioso e político - tinham terra fértil para produzir bons frutos. No entanto, o quê fazer e como fazer? Suas celebrações eram sempre dirigidas para a situação dos trabalhadores rurais. Desde logo, compreendeu que a atuação política

não poderia se restringir ao espaço da igreja. Procurou outros espaços, onde estavam os trabalhadores: casa, bares, bailes, pontos de caminhões que transportavam os trabalhadores para a área rural. Assim, foi se aproximando, adquirindo confiança com o objetivo de construir um comum pertencer por meio de um Sindicato com homens e mulheres que sofriam na carne e na alma os efeitos da expropriação de seus roçados obrigando-os a migrar para as terras paulistas, além da superexploração do trabalho, na condição de bóias-frias, sem direitos e transformados em não-cidadãos. Num determinado dia, uma mulher aproximou-se dele e lhe pediu para rezar *missas nos pontos* durante as madrugadas, antes da saída dos caminhões. *Missas nos pontos* se constituem no que ele considera a primeira fase do processo de construção social da consciência de classe.

A partir daí, surgiram as reuniões às segundas-feiras na Casa Paroquial a fim de discutir a criação do Sindicato, cujos embates foram inúmeros, pois havia a presença de sindicalistas

pelegos nas cidades vizinhas que dificultavam a organização dos trabalhadores. Em 1983 foi criado o Sindicato de Dobrada, cuja diretoria era composta por oito mulheres e quatro homens. Segundo ele, a presidência coube a um homem que não tinha capacidade de liderança. Esta foi uma escolha estratégica, para *não despertar tanto o preconceito contra as mulheres*. Alguns meses após a criação do sindicato, o presidente foi destituído e assumiu o cargo uma mulher.

Em vários momentos, Bragheto se reporta à coragem e à capacidade de enfrentamento das mulheres. Eram elas que serviam de escudo dos homens durante as greves. Eram denominadas de *pára-raios*. Para ele, elas eram mais corajosas do que os homens. Não tinham medo. Estas representações desconstróem os valores discriminadores assentados nas relações de gênero, segundo os quais, as mulheres são medrosas e incapazes de enfrentamentos.

Além deste trabalho para a criação do Sindicato de Dobrada, a participação política de Bragheto ao lado dos trabalhadores rurais envolveu outros enfrentamentos. Em 1983, durante uma reunião de membros da CPT e de Carlistas, um trabalhador denunciou o sistema das sete ruas³, responsável pelo aumento da exploração por meio da maior intensidade de produtividade do trabalho. Após a publicação desta denúncia na imprensa, *as coisas pegaram fogo*, segundo suas palavras. Em seguida, iniciou-se a primeira greve de Guariba em 1984.

No que tange ao momento da greve, as lembranças são muito nítidas. As notícias veiculadas pela imprensa, sobretudo pelo jornal, O Estado de São Paulo, apontavam-no como líder do movimento grevista. Na verdade, ele fora pego de surpresa, pois embora

Arquivo CEM

fosse seu desejo assistir a uma grande mobilização dos trabalhadores rurais, o início da paralisação não fora incentivado por ele. No entanto, a reunião de milhares de pessoas no campo de futebol exigiu dele posições, as quais ele não poderia deixar de assumir. Afinal, era esse seu grande objetivo: a mobilização política em torno da busca dos direitos trabalhistas, dos melhores salários e melhores meios de transporte para evitar a ocorrência de acidentes. Emoção e razão misturaram-se no discurso e nas palavras de ordem naqueles momentos no campo de futebol, das quais não se arrepende, apesar de ter sofrido represálias, posteriormente.

A eclosão da segunda greve em 1985 culminou na violência policial, comandada pela tropa de choque do governador Franco Montoro. Muitos trabalhadores foram arrancados de suas casas e espancados, inclusive ele. A violência deixou marcas profundas naqueles que participaram da greve, além de produzir o medo e o silêncio na memória social, principalmente dos habitantes da Vila João-de-Barro, onde viviam os trabalhadores rurais.

A greve foi o resultado do desespero de vidas diante da miséria e do sofrimento. Representou o limite da dor, da humilhação e da negação. A revolta social traduziu os anseios de pessoas banidas de seus direitos sociais e trabalhistas. A revolta social, manifesta pelo quebra-quebra, foi gestada no seio das relações de exploração impostas pelas usinas, consideradas as mais ricas do país. Foi uma resposta à situação de dominação vivenciada durante muitos anos por homens e mulheres que trabalhavam duramente nos canaviais em troca de salários que não lhes garantiam as necessidades de sobrevivência.

O depoimento de Bragheto sobre os acontecimentos da greve coincide com os de muitos trabalhadores. Todos os

narradores a partir dos fragmentos de suas memórias fornecem elementos à composição deste acontecimento. É uma espécie de costura de distintas oralidades, que produz o fato histórico, onde a voz dos narradores passa a ser ouvida e ter a mesma importância que as demais fontes escritas. Aqui temos um exemplo de memória subterrânea, que incomoda, que desarranja a ordem estabelecida.

Em razão do medo, houve um grande silêncio sobre a greve, que dura até hoje. Estas vozes têm por finalidade romper a barreira do silêncio, e contribuir para a construção de uma memória social, onde a greve e seus desdobramentos passam a fazer parte da história destes trabalhadores. Neste ponto, há uma ligação estreita entre memória e história. A presença do medo e do silêncio como marcas destas vidas, além de influírem em suas ações, emudeceu as gerações futuras, calou seus narradores, impedindo a construção de uma memória herdada. O desconhecimento dos mais jovens sobre este importante acontecimento é uma das formas mais atroz do sistema de dominação imposto a estes trabalhadores, dado que ao imprimir a marca do medo e do silêncio, além de descaracterizar a luta, retirou a vitória e os transformou em vencidos, na medida em que o impedimento ao trabalho conduziu-os à exclusão social, à marginalização e ao estatuto de sobrantes.

Neste sentido, a narrativa de quem viveu, sofreu violência física, além de ter sido preso tem a função não somente de lembrar o passado, mas de redefini-lo, (re) significá-lo, a partir da situação presente e criar as bases para a ação transformadora.

A presença feminina na memória do narrador desmistifica a situação da mulher como frágil, medrosa, passiva como já foi dito acima⁴. A reconstrução da memória como

importante fator para o processo de identidade social destes trabalhadores, da construção do coletivo, como embrião necessário de qualquer luta política. Ao rememorar os acontecimentos da greve, o narrador costura os fragmentos dos acontecimentos e contribui para a edificação da memória das lutas destes trabalhadores, num momento histórico caracterizado pelo fim da ditadura e começo do processo democrático no país.

Vale ainda acrescentar outros elementos de sua prática política. Antes da concretização da Pastoral dos Migrantes, nas celebrações das missas, solicitava aos trabalhadores que fossem com suas roupas de trabalho e levassem os facões. Nesta ocasião *fazia a bênção do facão*, cujo intuito era valorizar os trabalhadores. Este ato, percebido como perigo à ordem dominante, foi seguido de ameaças de morte, concretizadas na presença de um policial armado na porta da igreja durante as celebrações. Ademais da participação em outras greves de colhedores de laranja, esteve presente em vários piquetes e também no início da ocupação da Usina Tamoio, que deu origem ao Assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara.

Com o passar do tempo, as ameaças aumentaram, advindas dos mandantes dos usineiros da região em comum acordo com as polícias locais.

“A situação foi ficando muito difícil... Foi a época em que mataram o Padre Josimo. Comecei a receber a pressão da CPT Nacional, estadual e também de amigos... Diziam que tinha que sair de lá porque iam acabar me matando... Vim para São Paulo, na condição de assessor. Senti que vim um pouco humilhado na CPT. Senti-me ter fugido do trabalho...”

A saída do padre Bragheto não correspondeu ao esquecimento de sua presença na memória dos traba-

lhadores desta região. Durante minhas pesquisas (Silva, 1999) em inúmeros momentos, ele faz parte das lembranças relatadas. São ressaltadas sua capacidade de liderança, sua coragem ao desafiar o poder da polícia e dos usineiros, além da diferença entre ele e os "outros padres" que estavam 'do lado de lá'. Uma trabalhadora afirma que ademais destas qualidades, ele muito a ajudou quando ficou grávida. Foi ele quem a aconselhou a não praticar o aborto, ao lhe conseguir um quartinho e lhe pagar, com a ajuda de outras pessoas, o aluguel.

"Era um padre que esquecia o papel de padre para ficar entre os trabalhadores; tinha idéias novas. Foi ele que me fez sentir gente, que nunca me desfez, diferente daqueles que não têm onde cair morto e desfazem da gente" (Cida, trabalhadora negra. Entrevista concedida em 1990).

NOVAS SEMENTEIRAS: OS MIGRANTES

As conquistas dos direitos após as greves – registro em carteira, volta do sistema de 5 ruas, contrato de trabalho etc. – não representaram melhorias reais nas condições de trabalho, nem tampouco diminuíram a intensidade da exploração. A partir das greves, intensificou-se a demanda por trabalhadores migrantes temporários, pois para as empresas, os migrantes são vistos como mais dóceis, vêm para trabalhar e, por isso, são passíveis de maior controle e aceitação dos ínfimos salários. Com esta estratégia política, agudiza-se cada vez mais o processo de segmentação da força de trabalho (migrantes e não migrantes), cujas conseqüências acabam por aumentar ainda mais os lucros das empresas em virtude da divisão política instaurada entre os trabalhadores.

Neste contexto de intensa exploração situa-se o papel da Pastoral. A práxis de seus agentes – padres, freiras e leigos – está voltada pela defesa dos direitos dos migrantes tanto nas regiões de origem quanto nas de destino. Ademais das visitas aos alojamentos, pensões, locais de trabalho, os agentes realizam eventos como a Semana do Migrante, publicam o Boletim Cá e Lá, tablóides – como o Laborshow, distribuído durante a realização da última feira Agrishow em Ribeirão Preto –, além de encontros em parceria com vereadores, assistentes sociais, promotores públicos, alunos e professores das Universidades.

No âmbito deste texto, escolhi, como exemplo a ser citado, uma celebração realizada no dia 06 de agosto de 1988 com os migrantes da Bahia e de Minas Gerais, das seguintes cidades da região de Ribeirão Preto: Jurupema (110); Barrinha (120); Jaboticabal (60); Stª Ernestina (80); Monte Alto (50); Santa Adélia (80); Bebedouro (80); Dobrada (120); Pitangueiras (10)⁵.

Inicialmente, a dinâmica foi por meio da *troca de chapéus*. Os mineiros trocavam seus chapéus com os baianos e vice-versa, por meio de relatos sobre o material empregado na confecção dos mesmos. Em seguida cantavam, seguidos dos sons de instrumentos existentes em suas próprias regiões como pandeiro, chocalho. As músicas eram de suas regiões de origem.

Após esta apresentação, iniciou-se a discussão sobre a situação deles na região de destino: condições de trabalho, doenças, salários baixos, alojamentos precários, roubos no momento da metragem da cana, alimentação precária, aluguel caro pago nas pensões das cidades-dormitórios etc. O levantamento desta situação foi seguido de outra apresentação, denominada, *Os cegos e amarrados*. Uma parte dos presentes

foi amarrada enquanto outra teve os olhos vendados. Os *cegos* ficavam andando em círculos, podiam falar, mas não o faziam porque não viam os demais. Os *amarrados*, por sua vez, enxergavam, porém não saíam do lugar e nada diziam. No final, um retira a venda dos olhos e assim começa a conversar com os demais, os quais fazem o mesmo, seguidos pelos amarrados, que retiram as cordas.

O objetivo da encenação era voltado para a conscientização e a formação da identidade social e coletiva por meio do diálogo e questionamento das próprias condições experimentadas.

Esta apresentação foi seguida de uma procissão com diversas paradas, durante as quais outras encenações ocorriam. Os cantos religiosos eram seguidos de depoimentos sobre a realidade dos camponeses na região de origem, marcada pela seca, falta de créditos e apoio do governo. Nos altares havia folhetos sobre as recentes greves ocorridas em Piracicaba, sobre a necessidade de Reforma Agrária, sobre a situação das mulheres, dos negros, dos posseiros da Bahia e a situação vivenciada no corte da cana por meio da mostra de comprovantes de pagamento no final do mês. Havia também instrumentos de trabalho, como o facão. As falas eram sob a forma de oferendas. A plantação de cana foi muitas vezes criticada. "A cana tira a árvore do chão como tira o sangue de nossas veias".

Estas apresentações visavam a conscientização e a percepção da realidade migratória, como algo imposto pelas condições estruturais e sociais e não natural. Visavam, outrossim, a possibilidade de resistência no lugar de origem para pôr fim ao processo de saída de milhares de pessoas, à separação de famílias e a itinerância permanente. Os atores eram os próprios autores de seus *scripts*,

Arquivo CEM

cujo conteúdo era o relato de suas próprias experiências.

Durante a procissão, repetem-se estes conteúdos, agora misturados aos textos bíblicos, por intermédio da associação do calvário, sepulcro, ressurreição de Cristo, vida de Maria com a vida dos migrantes, também confundida com a dor, sofrimento, injustiça, morte e ressurreição, isto é libertação. Em todas as paradas, havia cantos e mensagens contra a exploração e a injustiça dos patrões:

O latifúndio já tomou conta e destruiu completamente a pequena propriedade, decretou definitivamente a morte dos pequenos produtores. Roubou-lhe o direito de lavrar a terra, para a sua própria subsistência, para a de seus irmãos. A terra que é usada poderia dar bastante alimentos para os pobres, mas os homens desonestos não deixam que ela seja usada.

E mãe igreja se angustia e sofre, buscando a conversão de seus filhos. A mãe igreja chora a dor diante do sofrimento injusto a que seus pobres são submetidos.

Deus criou a terra e não passou escritura para ninguém, ela é dom do pai e pertence a todos os seus filhos, conseqüentemente os seus frutos devem ser repartidos entre todos os irmãos.

Por isso, queremos pedir hoje a Maria, mãe de Deus, nossa mãe, para que nos ajude a reconquistar o trabalho livre. Que homem não precise mais ser escravo do trabalho para poder sobreviver, mas que o trabalho seja o caminho e o meio para melhorar o mundo, que Maria ilumine todos os nossos trabalhadores, para que eles que compreendam a necessidade de lutar pelos seus direitos, por uma vida melhor, por um trabalho mais digno que os libertem da amargura de apenas obedecer, para conseguir dizer, estou respirando.

E agora nesta parada aqui nós vamos refletir sobre a vida do migrante. O migrante é aquela pessoa que muitas vezes ainda é pequeno proprietário, mais não consegue através de seu meio de produção que é a sua pequena parcela de terra, produzir o suficiente

para a sua família.

Este exemplo é um testemunho do trabalho desenvolvido pela Pastoral dos Migrantes - Setor Temporários. É uma práxis caracterizada pelo que Walter Benjamin denominou de *escovando a história a contrapelo*, isto é, fazendo com que os próprios sujeitos sejam capazes de, a partir de suas experiências, descobrir os caminhos de suas lutas. Desta sorte, trata-se de um trabalho pedagógico, cujo conteúdo dialógico nasce da própria história de vida.

A CAMINHADA CONTINUA

Num último encontro realizado em Guariba com trabalhadores migrantes, refletimos sobre a importância do passado para o processo de enraizamento individual e social. Defendemos a idéia de que o passado não é algo morto, congelado, fixo num tempo que não volta mais. Ao contrário, somente o conhecimento do passado nos permite explicar o presente e estabelecer os pontos para qualquer projeto futuro.

Em razão do processo de espoliação, exploração e dominação imposto a milhões de pessoas em nosso país, em diferentes momentos da história, a grande maioria delas prefere silenciar-se em relação às perdas sofridas, aos sofrimentos, às humilhações. No entanto, estas situações acabam gerando frustrações, traumas, que, não raramente, desembocam em violência ou em várias formas de anomia individual ou social, como por exemplo, o uso de drogas, a itinerância ou mesmo a mendicância. Aos poucos, assistimos ao processo de descida na escala social daqueles que foram paulatinamente desenraizados e descartados das oportunidades de trabalho e de uma sobrevivência digna. Muitos perderam ou estão perdendo os referenciais

relativos aos valores morais, espirituais, éticos, os quais faziam parte de seus locais de origem, de suas comunidades, de suas relações de vizinhança e parentesco. Muitos outros, envergonhados pelos constantes insucessos da vida, atribuem ao destino, à má sorte, a responsabilidade da situação em que se encontram. Acabam deixando tudo para trás, nunca mais regressam aos locais de onde saíram, não dão notícias para os parentes, conhecidos. Partem sem rumo numa viagem sem destino, sem ponto de chegada. São eternos nômades, que vivem ao deus-dará, além de serem renegados pela sociedade, pois são considerados como dejetos, seres que enfeiam as ruas das cidades por onde perambulam com seus sacos às costas, em cujo interior são encontrados apenas restos daquilo que a sociedade rejeita. Em seus sentimentos, em suas lembranças, aos poucos vão-se apagando as imagens de uma vida passada. Quanto mais caminham, mais se afastam de suas raízes, de suas origens, de sua gente. Não olham para trás, porque mesmo se o fizessem nada veriam a não ser uma nuvem de fumaça que encobre seus passos.

Diante desta realidade, sugerimos para a reflexão o conhecimento da verdadeira história, responsável por esta migração forçada, por este estado de errância. Privilegiamos o período da ditadura militar, que impôs o processo de modernização da agricultura, particularmente da região de Ribeirão Preto/SP, com a implantação das grandes usinas de açúcar e álcool.

Ao mesmo tempo, esta agricultura modernizada passou a exigir grandes contingentes de mão-de-obra, provenientes de várias partes do país, constituindo-se, assim, um mercado de força de trabalho de milhares de migrantes temporários, que, pelas

imposições do processo produtivo, tiveram suas vidas divididas em dois tempos: o tempo nos canaviais e cafezais desta região e o tempo em suas terras de origem.

Ressaltamos também a importância do conhecimento da história dos locais de origem, freqüentemente marcada pela tomada de terras de pequenos parceiros, posseiros e sitiantes, por grandes fazendeiros, mercadores de terra ou empresas nacionais e estrangeiras.

A história registrou nestas últimas décadas o vaivém de milhares de pessoas destinadas ao trabalho duro nesta agricultura. A partir do início dos anos de 1990, com o emprego de máquinas colhedoras de cana houve mais, as empresas exigem força de trabalho jovem, desempregando os que possuem acima de 30 anos de idade. Este fato tem gerado a vinda de trabalhadores do Piauí e Maranhão e de outros estados do Nordeste, além do Vale do Jequitinhonha/MG.

Para muitos migrantes, as porteiras das usinas estão fechadas. Cada vez mais, verifica-se o aumento dos casos de exclusão social, identificada pelos trecheiros, andarilhos e moradores de rua, presentes em todas as cidades desta rica região. Reconstruir esta história mediante a inclusão dos trabalhadores migrantes como protagonistas, como agentes sociais que fazem história, tem sido o eixo principal em torno do qual giram as reflexões e as práticas da Pastoral. Refletir sobre o passado, resgatar a própria experiência de vida e também aquela vivenciada pelos antepassados é um caminho seguro para a reconstrução da própria identidade e de um futuro onde as pessoas possam ter além do direito de ir e vir, o direito de ficar, de estar, de pertencer a algum lugar, de parar, de ser alguém no

mundo e deixar de ser ninguém no mundo.

Nos dias de hoje, vale a pena mencionar ainda o importante papel desempenhado pelos agentes da Pastoral em torno da vigilância de trabalho escravo nas usinas e fazendas. Nos últimos anos, estas denúncias têm aumentado significativamente. Os relatórios anuais dos agentes pastorais descrevem as condições dos alojamentos, o sistema de exploração imposta e também a forma de denúncia ao Ministério Público, Polícia Federal e Ministério do Trabalho. Por outro lado, tais denúncias são veiculadas pela Imprensa e também pela Televisão.

A longa caminhada dos inúmeros agentes da Pastoral vem sendo caracterizada por um leque bastante variado de ações produzidas no contexto de diferentes conjunturas sociais, políticas e religiosas. Assim sendo, paradoxalmente, a grande missão de seus membros tem sido a defesa dos direitos humanos e sociais dos trabalhadores rurais migrantes, no período pós-ditadura militar. Apesar da vigência da democracia a partir de 1985, a efetividade do respeito ao próximo, dos direitos dos cidadãos ainda continua sendo um ideal a ser conquistado neste país, marcado pelo domínio e a lei daqueles que detêm o poder econômico e político.

No que tange à conjuntura religiosa, grandes mudanças também foram constatadas neste período histórico. Nos anos de 1980, o ideal libertário da Teologia da Libertação era a meta de leigos e clérigos filiados às Comunidades Eclesiais de Base, às distintas Pastorais, cujas atuações abarcavam todos aqueles que sofriam os efeitos das desigualdades sociais e econômicas. Em virtude do retrocesso imposto aos seguidores da Teologia da Libertação pelo Pontificado de João Paulo II, o papel social da Igreja

Católica com os marginalizados foi bastante comprometido, por meio da transferência de muitos agentes para outras funções, punições, restrições e advertências, fechamento de centros de formação religiosa e assim por diante.

Ainda que vigiados e vigilantes, os pastores dos migrantes continuaram percorrendo seus caminhos e seus ideais. Muitos foram transferidos para outros lugares e até mesmo para outros países. Outros, depois de alguns anos, regressaram. Eles também experimentam a situação de migrantes. Apesar do vaivém, da mudança de algumas práticas, eles continuam sendo os *heróis que vão evangelizar*, segundo as palavras de Scalabrini. São os peregrinos, juntamente com os trabalhadores rurais migrantes, da resistência miúda, porém cotidiana, produzida nas grotas e veredas, no eito dos canaviais, cafezais, laranjais, nos quartos de pensões, nos alojamentos, nos estúbulos transformados em alojamentos ... enfim naqueles espaços pouco visíveis, escondidos e ocultados da grande maioria da população desta região. É aí neste mundo social escondido que as mensagens de esperança, fé, libertação, cidadania, direitos são edificadas. Parafraseando Walter Benjamin, talvez, seja este o rumo da história da libertação:

“Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Tora e a prece se ensinam na rememoração. Para os discípulos, a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias” (Benjamin, 1987, p. 232).

* *Maria Aparecida de Moraes Silva é Prof^a. Visitante do PPG/Geografia/UNESP/PP e do PPG/Geografia/USP e Pesquisadora do CNPq.*

NOTAS

1- Em maio 1984 a região foi cenário de expressivo e contundente movimento dos bóias-frias abrangendo várias cidades, com repercussões mais fortes em Guariba. Em 15 de maio houve o “levante” a greve dos bóias-frias. No município de Dobrada houve um movimento expressivo por parte dos trabalhadores e com envolvimento de lideranças do Sindicato e da Paróquia. A casa paroquial serviu de espaço para reuniões neste período de luta e reivindicações. Em junho de 1984, por ocasião da Semana do Migrante, realizamos um Encontro com os Migrantes e bóias-frias em Dobrada. (30 participantes). Em julho os migrantes dos alojamentos (mineiros) receberam a visita de D. Enzo, Pe. Pedro e Ir. Paula da Diocese de Araçuaí/MG, presença missionária dos agentes pastorais da região de origem dos migrantes, que já vinha ocorrendo anualmente desde 1979. Por ocasião desta visita houve uma denúncia por parte da Igreja (origem-destino) sobre a exploração por parte dos gatos no Alojamento S. Vicente, município de Pitangueiras.

Em março de 1985, vem para assumir a paróquia o Pe. Antenor Dalla Vecchia, missionário escalabriniano, que passa a residir em Sta Ernestina. Veio acompanhado do Pe. Alfredo José Gonçalves, o qual veio para permanecer um tempo em sua companhia. Foi a partir de 1985 que começamos a denominar nosso trabalho como Pastoral do Migrante, fruto de uma caminhada das duas Congregações e do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) que vinha se organizando em nível nacional. Como equipe foi elaborado um Projeto Sócio-Pastoral junto aos migrantes sazonais.

Em maio de 1985 ocorreram novas mobilizações dos bóias-frias (3 dias de greve) abrangendo 26 municípios. Em junho houve eleições do STR de Dobrada, sendo eleito presidente Valditudes (Ratinho) um pernambucano, que se aproximou e assumiu também a causa dos trabalhadores migrantes sazonais. Em 1986 passa integrar a equipe o Pe. Garcia Peres Neto. Em 1989, houve a ampliação do trabalho com a presença de dois leigos: Anísio Reis (mineiro) e Antônio (baiano), além do assessor, Edson Antonio da Silva. Em 1990, passa a integrar a equipe, Ir. Lourdes dos Santos Batista. Neste mesmo ano, houve o lançamento do vídeo, *As andorinhas, nem cá e nem lá*, da Professora, Maria Aparecida Moraes Silva – UNESP Araraquara-SP, que

já vinha mantendo contatos conosco desde 1987. Em 1991, houve o lançamento do vídeo, *Califórnia à Brasileira*, pelo CEDI e Pastoral do Migrante. “Em 1991, integra a equipe o Pe. Carlos Cigolini; em 1992, Ir. Goreti; em 1993, Pe. Valdecir Molinari. Em fevereiro de 1993, houve a transferência dos missionários para o município de Guariba. Outros agentes liberados passaram a fazer parte da equipe: Paulo André, Elielson Carneiro da Silva, Janilson, Agnaldo, Valdecyr e Jadir Ribeiro. Em 1995, integram a equipe, Pe. José Roberto Rodrigues e Ir. Maria de Fátima Pereira e Ir. Clélia. Atualmente, os Padres, Adelino De Carli, Arlindo Pedrini e Garcia Peres e as Irmãs, Fátima Pereira, Rosalda Zampier e Inês Facioli são os responsáveis pela Pastoral dos Migrantes em Guariba” (Depoimento de Inês Facioli).

2- Esta entrevista ocorreu no âmbito da pesquisa sobre a participação política das mulheres trabalhadoras rurais. Conteí com a colaboração dos estudantes de então, Luís Antônio Barone, Graziela Lima e Edson Antônio da Silva do curso de Ciências Sociais/UNESP/Araraquara.

3- O sistema de sete ruas implicava no corte de sete ruas, o que correspondia ao aumento de esforço do trabalhador no momento do corte, e, logo, a diminuição da produtividade e dos ganhos salariais. Antes, vigorava o sistema de cinco ruas.

4- Os Vídeos *A memória em nossas mãos* e *Guariba 1984* retratam a situação dos trabalhadores rurais naqueles momentos. Direção e roteiro: José Roberto Novaes e Francisco Alves, 2002.

5- As celebrações foram coordenadas pelo Padre Antenor e irmãs da Pastoral dos Migrantes. Os relatos de pesquisa foram feitos por Edson Antônio da Silva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W.
(1987) Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica*. V. I. São Paulo: Brasiliense, p. 222-232.
- MORAES SILVA, M. A.
(1999) *Errantes do fim do século*. São Paulo: Edunesp.
- SCALABRINI, J. B.
(1989) A igreja e as migrações. In: CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS. *Scalabrini. Uma voz atual*. São Paulo: Edições Loyola.